

ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Nunes é alvo principal às vésperas do 1º turno

Gestão do atual prefeito recebe duras críticas dos demais candidatos no debate da TV Globo, o último antes da votação de domingo. Boulos e Marçal travam duelo

» LUANA PATRIOLINO
» ROSANA HESSEL

No último debate antes do primeiro turno das eleições municipais de 2024, realizado ontem, pela TV Globo, os candidatos à Prefeitura de São Paulo se concentraram em criticar a gestão de Ricardo Nunes (MDB).

Além de Nunes, estavam presentes Guilherme Boulos (PSol), Pablo Marçal (PRTB), Tabata Amaral (PSB) e José Luiz Datena (PSDB). No primeiro bloco, houve crítica geral à gestão de Nunes. Os candidatos tiveram que escolher um oponente para fazer uma pergunta.

O atual prefeito questionou Datena sobre tributos e recebeu como resposta uma crítica do apresentador. “Você cometeu um grande erro de não lutar mais por São Paulo. Para a redução do ISS (Imposto Sobre Serviços), era importante que São Paulo levasse alguma vantagem porque é a cidade que mais produz em todo o Brasil”, afirmou Datena.

Tabata, por sua vez, perguntou a Nunes sobre a segurança na capital paulista. “São Paulo viu aumentar homicídio, batemos recorde de estupro e feminicídio. O senhor está satisfeito com esse resultado?”, questionou.

“Deputada, é muito fácil ficar só criticando”, respondeu Nunes.

O prefeito alegou que Tabata não participou da votação de um projeto para aumentar a pena de criminosos na Câmara. “A senhora não votou, o esperado era que votasse por São Paulo”, acusou. Nunes então disse que diminuiu a fila de exames e consultas da saúde pública e que melhorou o SUS na cidade.

Já Boulos escolheu fazer uma pergunta a Tabata, mas não deixou de alfinetar Nunes. “Você acha que a saúde de São Paulo está desse jeito que ele está falando? Que a saúde é boa, mil maravilhas? Você que vai para um hospital e demora de oito a nove horas para ser atendido? Tabata, no que você acha que a gestão Nunes errou?”, perguntou.

“É preciso que a população entenda: tem mais recurso, são cerca de R\$ 20 milhões e ainda assim foi uma gestão tão medíocre, tão inoperante. As filas explodiram”, apontou a deputada.

Por sua vez, Marçal disse que todos os candidatos à Prefeitura — à exceção dele — são de esquerda. Em seguida, alfinetou Boulos. Disse que o concorrente “é pró-aborto, destruiu hino com linguagem neutra”.

Após troca de acusações com Marçal, Boulos diz que, para acabar de uma vez por todas com o tema do uso de drogas, fez um exame toxicológico. Ele mostrou o documento para a câmera.

Boulos disse estranhar o comportamento “bonzinho” de Marçal durante o debate. Ele chamou o concorrente de “lobo em pele de cordeiro”. “Eu estou achando muito esquisito esse perfil que o Marçal adotou hoje (ontem). Ele tumultuou a eleição inteira, mentiu, agrediu e, agora, quer posar de bonzinho. O lobo em pele de cordeiro. Aliás, o Marçal acusar alguém de extremista é igual a Suzane von Richthofen acusar alguém de assassinato. É impressionante”, disse.

Marçal chamou Boulos de “socialista de iPhone”. Em seguida, o candidato do PSol citou falas machistas do coach. Lembrou de um vídeo polêmico em que o concorrente diz que “a mulher tem um crânio menor” e que seria necessário “quebrá-lo” para ficar como o do homem.

Marçal não respondeu sobre o vídeo em questão e atacou Nunes, citando um boletim de ocorrência sobre violência doméstica que a esposa do emedebista teria registrado contra o marido.

Live com Lula

Horas antes do debate, Boulos participou de uma live ao lado do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com a testa suando durante parte da transmissão no Instagram, o candidato do PSol demonstrava preocupação,

enquanto a audiência girava em torno de 5,2 mil e 5,3 mil, em boa parte do tempo. Quando muito, chegou a 5,7 mil.

Na conversa, houve troca de elogios. Boulos agradeceu o apoio de Lula e disse que a ajuda dele “é fundamental nesta reta final da corrida eleitoral”. Reforçou o convite ao presidente para a caminhada com ele amanhã, véspera do pleito. “Estou muito confiante. Vai ser bonita demais a nossa caminhada às 9h na Avenida Paulista”, disse Boulos.

Lula garantiu que ele e a primeira-dama Rosângela Lula da Silva, a Janja, participarão da passeata na Paulista. Ele lembrou que o dia da eleição é o dia de nascimento dele, no registro, e, por isso, pediu como presente a eleição do deputado. “Conheço o Boulos amassando barro, enfrentando lama, pisando lama em vários acampamentos de pessoas pobres que hoje têm seus apartamentos”, frisou. “Boulos vai governar para todos e para o povo mais pobre da periferia”, acrescentou.

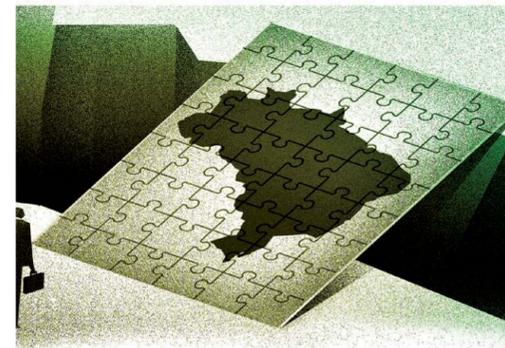
Apenas perto do fim da transmissão, a audiência cresceu e chegou a dois dígitos, atingindo o pico de 11,6 mil pessoas. Lula desejou muita tranquilidade para Boulos no debate da TV Globo. “Não jogue o jogo rasteiro de adversário que quiser te atacar”, aconselhou.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

Luizazedo.df@dabr.com.br

Maurenilson Freire



O Rio não é para principiantes; São Paulo, pode ser

Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, mais conhecido pelo nome artístico Tom Jobim, como todos sabem, foi compositor, pianista, violonista, arranjador, flautista e cantor brasileiro, entre os melhores e mais influentes da história de nossa música popular. É o autor de uma das frases mais antológicas sobre as peculiaridades nacionais: “David, o Brasil não é para principiantes”, disse, em meados 1960, ao fotógrafo norte-americano David Zingg, que decidira morar no Brasil. Pura antropologia.

A frase foi adotada como um mantra por todos que procuram explicar alguma coisa que não tem um sentido lógico na vida brasileira, devidamente adaptada para elevar o status profissional de quem a profere: “O Brasil não é para amadores”. Jobim, carioca da Tijuca, ao lado de João Gilberto, faziam parte do grupo de músicos, compositores e cantores que criaram a bossa-nova, ao lado de Nara Leão, então com 15 anos, Sylvia Teles, Roberto Menescal, Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli.

Na conversa com Zigg, Tom Jobim traduzia a picardia do carioca, que glamouriza a esperteza e a malandragem, um arquétipo muito bem estudado pelo antropólogo Roberto Da Matta, em *Carnavais, Malandros e Heróis* (Editora Rocco). Sua gênese é Leonardo, o principal personagem do livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, do escritor brasileiro Manuel Antônio de Almeida, que descreve a vida carioca após a chegada da Corte de D. João VI, em 1808. Escrito em forma de folhetim, um capítulo por semana, foi publicado no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro, em 1854. É considerado um romance urbano ou de costumes e faz a primeira descrição do malandro carioca como uma espécie de “herói noir”.

Esse arquétipo viria a ser capturado por Walt Disney, na figura versátil, inteligente e engraçada do Zé Carioca, o herói brasileiro das histórias em quadrinho norte-americanas e de Hollywood. Tratado por seus críticos como um produto mercadológico cujo objetivo seria “americanizar” os brasileiros, na verdade, é a síntese de representações simbólicas bem definidas do nosso malandro. A irreverência e a hilaridade do papagaio de alma verde-amarela caíam nas graças dos brasileiros.

No bom sentido, o Zé Carioca desta coluna é o prefeito Eduardo Paes (PSD), que disputa a reeleição na cidade do Rio de Janeiro, com possibilidades reais de vencer as eleições no primeiro turno. Na pesquisa Datafolha publicada ontem, segue na liderança das intenções de voto dos cariocas, com 54%. Paes transita da Zona Oeste à Tijuca, de Ipanema a Vigário Geral, com igual desenvoltura. Seu principal adversário, Alexandre Ramagem (PL), variou positivamente de 17% para 22% e tem o apoio do clã Bolsonaro.

Ramagem é um principiante em disputas desse porte, como diria Tom Jobim. Bate duro no atual prefeito, mas não tem como demolir o legado urbanístico nem o charme visionário e bem-humorado com que Paes trata a cidade. É um policial federal polêmico, por sua atuação à frente da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) durante o governo Bolsonaro. Faz um discurso do tipo “prendo e arebento”, mas nem de longe tem a “ginga” política de seu adversário. Essa polarização desidratou o deputado federal Tarcísio Motta (PSol), com seu pior resultado até agora: 4% das intenções de votos.

Ronda

Há uns 70 anos o samba-canção *Ronda* reina absoluto na noite paulistana. Foi composto por Paulo Vanzolini quando estudava medicina e servia ao Exército. O “Cabo 30” patrulhava a pé as ruas do baixo meretrício do Bom Retiro e do centro da cidade. Já doutor pela Universidade de Harvard (EUA), referência internacional em herpetologia (estudo de anfíbios e répteis), com contribuições significativas para a ciência, como sua Teoria dos Refúgios, Vanzolini admitiu que não era sua composição favorita. Gostava mais, por exemplo, de *Volta por Cima*, um samba cujo refrão todo brasileiro conhece.

Ronda foi gravada a primeira vez por Inezita Barroso, sua amiga, nos estúdios da RCA Victor, no Rio de Janeiro, com um acompanhamento de notáveis instrumentistas: Abel Ferreira, Bola Sete, Garoto e Zé Menezes. É uma “cena noir”: De noite eu rondo a cidade/ A te procurar sem encontrar/ No meio de olhares espio/ Nas mesas dos bares você não está/ Volto para casa abatida/ Desenganada da vida/ No sonho eu vou descansar.

Pesquisa Datafolha, divulgada nesta quinta-feira, sobre intenção de voto para prefeito de São Paulo mostra Guilherme Boulos (PSol) com 26%, Ricardo Nunes (MDB) com 24% e Pablo Marçal (PRTB) com 24%. Estão empatados tecnicamente. A dois dias das eleições, os três candidatos oscilaram dentro da margem de erro. Boulos, um ponto para cima, de 25% para 26%; Nunes, três pontos para baixo, de 27% para 24%; e Marçal, três pontos para cima, de 21% para 24%. Em linhas cruzadas, Marçal pode deixar Nunes fora do segundo turno e até ultrapassar Boulos.

Tabata Amaral (PSB) passou de 9% para 11% das intenções de voto na pesquisa estimulada. José Luiz Datena (PSDB) caiu de 6% para 4%. Marina Helena marcou 2%. Brancos e nulos somaram 6%, e outros 3% disseram não saber em quem vão votar. Nunes depende do desempenho no debate da TV Globo para se manter na disputa. O prefeito ronda a cidade atrás de mais votos, porém, como aquela mulher que inspirou Vanzolini, procura e não encontra.

Reprodução/Rede Globo



O debate reuniu os cinco nomes mais bem colocados nas pesquisas para a Prefeitura de São Paulo: Boulos, Nunes, Marçal, Datena e Tabata

Pleito terá observadores nacionais e do exterior

» IAGO MAC CORD*

Nestas eleições municipais, cinco entidades foram credenciadas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para realizar Missão de Observação Eleitoral Nacional (MOE). No total, 259 pessoas dessas instituições serão mobilizadas para atuar como observadoras em 23 estados — apenas Amapá, Piauí e Tocantins não receberão os especialistas.

Regulamentadas pela Resolução 23.678/2021 do TSE, as MOEs nacionais surgiram para ser instrumentos da Justiça Eleitoral na ampliação da transparência e da prestação de contas, como explicou o advogado e professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Daniel Vila-Nova.

“O objetivo é dar um respaldo com relação à maneira pela qual as eleições transcorrem. É um instrumento de maior visibilidade, transparência e controle

social sobre as eleições, para que elas não fiquem limitadas às autoridades da Justiça Eleitoral no sentido mais estrito”, disse.

As entidades foram oficializadas por portarias assinadas pela presidente do TSE, ministra Cármen Lúcia. São elas, a Associação Nacional das Defensoras e dos Defensores Públicos (Anadep), o Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE), a organização Transparência Eleitoral Brasil, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O MCCE realizará a Missão pela segunda vez. “Atuará de maneira imparcial, verificando questões como compra de votos e intimidação de eleitores, e a atuação correta dos envolvidos no processo, como mesários e fiscais”, afirmou Luciano Caparroz Santos, diretor do movimento. “A função principal do MCCE é fornecer relatórios e sugestões

com base em suas observações, ajudando a garantir a integridade e a transparência das eleições.”

Além das instituições nacionais, as eleições municipais serão acompanhadas pelas Missões de Observação de duas entidades internacionais: a Organização dos Estados Americanos (OEA), que participará pela quarta vez, e o Parlamento do Mercosul (Parlasul), pela segunda vez.

O acordo feito entre TSE, OEA e Parlasul prevê garantias para as entidades, como acesso pleno às instalações do tribunal, livre circulação em todo o território nacional, facilitação de acesso às áreas que compõem o sistema eleitoral e locais de votação, acesso pleno aos órgãos responsáveis pela contagem e totalização dos votos e atas de apuração dos locais onde os observadores não estavam presentes.

*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa



A função principal do MCCE é fornecer relatórios e sugestões com base em suas observações, ajudando a garantir a integridade e a transparência das eleições”

Luciano Caparroz Santos, diretor do Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral